

## **Comparação dos níveis de capital cultural herdado da família entre egressos cotistas e não cotistas das universidades federais brasileiras**

J.R.A. Carvalho Junior<sup>1\*</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Viçosa (UFV) / Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) – Campus Guarapari

\*jose.r.carvalho@ufv.br

### **Resumo**

O objetivo da pesquisa foi comparar os níveis de capital cultural herdado da família entre egressos cotistas e não cotistas dos cursos de graduação das universidades federais brasileiras. Para tanto, aplicamos um questionário eletrônico a uma expressiva amostra final de 11.458 egressos, de 248 cursos de graduação, de todas as áreas do conhecimento, de 18 universidades federais e das cinco regiões do país. Criamos os níveis de capital cultural dos egressos a partir de uma combinação de variáveis como escolaridade dos pais e frequência de consumo de bens culturais antes da entrada na universidade. Comparamos as médias obtidas entre egressos cotistas e não cotistas por meio do Teste *t* de Student. Os resultados sugerem que egressos cotistas possuem menores níveis de capital cultural herdado da família antes de entrarem na universidade do que os egressos não cotistas, destacando a relevância da política de cotas para inclusão sociocultural dos estudantes cotistas.

**Palavras-chave:** Capital cultural, Egressos, Política de cotas, Ação afirmativa, Universidade pública.

### **1. Introdução**

É em um cenário histórico de desigualdade social no acesso ao ensino superior público, gratuito e de qualidade, que foi estabelecida em 2012 a política de cotas (Lei 12.711) para que universidades federais e institutos federais reservem pelo menos metade das vagas de seus cursos para estudantes oriundos do ensino médio de escolas públicas e, a partir de então, com reservas específicas para negros, indígenas, pessoas com deficiência e/ou de famílias de baixa renda, que são os popularmente chamados estudantes cotistas. Estudantes que não se enquadram nesses critérios e que são admitidos pelo sistema de ampla concorrência são os denominados estudantes não cotistas. A política de cotas, enquanto uma política de ação afirmativa, é legítima no combate à desigualdade no acesso às universidades públicas que, historicamente, sempre serviram predominantemente aos alunos da elite brasileira<sup>[1]</sup>.

O estado da arte das pesquisas sobre a política de cotas indica que pesquisadores têm se concentrado majoritariamente em investigar os impactos proporcionados pela política de cotas após os estudantes cotistas serem admitidos à universidade. Nesse campo, os estudos se debruçam em verificar mudanças no perfil socioeconômico discente das universidades após a adoção das cotas<sup>[2]</sup>, em comparar o desempenho acadêmico de estudantes cotistas e não cotistas durante o curso de graduação<sup>[1]</sup> e em comparar seus ganhos no mercado de trabalho após eles se formarem na universidade federal<sup>[3]</sup>.

Entretanto, ainda pouco se sabe sobre como era a vida de egressos cotistas em termos de acesso a bens culturais (capital cultural) antes de eles entrarem na universidade federal e menos ainda se sabe sobre como era essa vida comparada à dos egressos não cotistas. O capital cultural, de acordo com Bourdieu<sup>[4]</sup>, pode ser entendido pelos comportamentos mentais e hábitos do indivíduo, fruto do seu acesso e conhecimento de bens culturais como livros, músicas e obras-de-arte e pelas suas qualificações acadêmicas. Bourdieu<sup>[4]</sup> explica que o capital cultural pode ser adquirido pelos indivíduos, mas que o seu princípio mais poderoso ocorre por meio da sua transmissão de pais para filhos, onde os filhos de pais altamente escolarizados e com alto nível de capital cultural são privilegiados por acumularem, desde a pequena infância e de uma maneira mais fácil e rápida, o capital cultural que lhe será útil por

toda a vida. Bourdieu<sup>[4]</sup> destaca que estudantes de famílias de baixa renda (como os cotistas) carecem de capital cultural herdado da família, ao contrário dos estudantes de famílias de melhor condição socioeconômica (estudantes não cotistas), que possuem esse capital cultural, recebido, principalmente, de seus pais. Segundo Bourdieu<sup>[4]</sup>, essa posse diferenciada de capital cultural transmitido pela família pode afetar diferentemente as chances educacionais e profissionais dos indivíduos ao longo de toda a sua vida.

Diante desse cenário, nós questionamos: os egressos cotistas das universidades federais brasileiras possuem menores níveis de capital cultural herdado da família do que os egressos não cotistas? Para responder a essa pergunta, o objetivo da pesquisa foi comparar os níveis de capital cultural herdado da família entre egressos cotistas e não cotistas dos cursos de graduação das universidades federais brasileiras. Baseando em Bourdieu<sup>[4]</sup>, a hipótese da pesquisa é que egressos cotistas possuem menores níveis de capital cultural herdado da família do que os egressos não cotistas.

Ao melhor de nosso conhecimento, somos os primeiros a identificar e a comparar o capital cultural de egressos cotistas e não cotistas antes de eles entrarem na universidade federal. Logo, essa é a contribuição teórica da nossa pesquisa. Como contribuição prática, acreditamos que conhecer esse possível acesso diferenciado a bens culturais antes da entrada no ensino superior pelos estudantes de distinta origem familiar é fundamental para se pensarem políticas públicas educacionais e culturais para se alcançar uma sociedade brasileira mais justa e igualitária.

## 2. Metodologia

Nossa pesquisa possui abordagem estritamente quantitativa dos dados. Para atingir nosso objetivo, realizamos um *Survey*, do tipo *cross-section*, aplicando, entre 15 de setembro de 2021 e 31 de dezembro de 2021, um questionário eletrônico por meio do Formulários Google a uma expressiva amostra final de 11.458 egressos ( $n = 11.458$ ), sendo 32,41% egressos cotistas e 67,59% egressos não cotistas, de 248 cursos de graduação, de todas as áreas do conhecimento, de 18 universidades federais brasileiras, de todas as cinco regiões do Brasil e que colaram grau entre 2016 e 2021. Das 69 universidades federais existentes no momento de aplicação do questionário, 18 aceitaram participar da pesquisa enviando o questionário diretamente ao e-mail de seus egressos. Também disponibilizamos o questionário em grupos de ex-alunos dessas 18 universidades no Facebook.

Transformamos as questões do questionário em variáveis de pesquisa. Para saber se o egresso era cotista ou não cotista, nós construímos uma variável categórica a partir da sua resposta no questionário. A nossa variável “Capital cultural” foi obtida a partir de uma Análise Fatorial de escores Z (padronizados) e Alfa de Cronbach das variáveis “Escolaridade do pai”, “Escolaridade da mãe”, “Frequência ao cinema”, “Frequência ao teatro”, “Frequência a museus” e “Nº de viagens ao exterior nas férias”, uma vez que essas variáveis não se encontravam na mesma dimensão. Para tanto, as opções de resposta das variáveis “Frequência ao cinema”, “Frequência ao teatro” e “Frequência a museus”, que estavam inicialmente em formato categórico (sendo as opções nunca, raramente, ocasionalmente, frequentemente e sempre), foram transformadas em formatos numéricos como segue: se a resposta do egresso à questão foi “nunca” então transformamos para 1 ponto, “raramente” foi transformada para 2 pontos, “ocasionalmente” para 3 pontos, “frequentemente” para 4 pontos e “sempre” para 5 pontos.

Os dados foram organizados e tabulados no Excel e em seguida analisados no SPSS (versão 23). Para fazermos as comparações entre os níveis de capital cultural, nós usamos o

Teste  $t$  de Student (de médias de duas amostras independentes) a um nível de 95% de confiança. A interpretação do p-valor do teste ser feita da seguinte forma: se o p-valor for menor que 0,05, significa que, a um nível de significância estatística de 5%, há diferença estatisticamente significativa entre a categoria do egresso e a variável considerada (capital cultural). Caso o p-valor seja maior que 0,05, dizemos que, a um nível de significância estatística de 5%, não existe diferença estatisticamente significativa entre a categoria do egresso e a variável considerada (capital cultural).

### 3. Resultados e Discussão

Quanto à escolaridade da mãe, os resultados indicam que apenas 22,63% das mães dos egressos cotistas possuíam ensino superior completo enquanto que esse percentual era de 50,04% para as mães dos egressos não cotistas. Nos níveis inferiores de escolaridade, a situação tende a se inverter, uma vez que 38,56% das mães dos cotistas possuíam até o ensino fundamental completo contra 18% das mães dos não cotistas. Quanto à escolaridade do pai, os resultados indicam que somente 15,24% dos pais dos egressos cotistas possuíam ensino superior completo enquanto que esse percentual era de 43,05% para os pais dos egressos não cotistas. Nos níveis inferiores de escolaridade, assim como ocorre com as mães, a situação tende a se inverter, uma vez que 47,74% dos pais dos cotistas possuíam até o ensino fundamental completo contra 24,17% dos pais dos não cotistas.

Quando analisada a recorrência de viagens ao exterior, o percentual de egressos cotistas que já haviam viajado para o exterior nas férias antes de entrarem na universidade (6,65%) é quatro vezes menor do que o percentual de egressos não cotistas (27,44%). Além disso, entre aqueles que já haviam viajado ao exterior antes de entrarem na universidade, 61,94% dos egressos cotistas viajaram apenas uma vez e 38,06% viajaram duas vezes ou mais. Esses percentuais representam quase o inverso do encontrado entre egressos não cotistas, pois entre esses, 41,13% viajaram somente uma vez enquanto que 58,87% viajaram duas vezes ou mais. Destacamos que, entre os que viajaram, apenas 5,67% dos egressos cotistas já haviam viajado cinco vezes ou mais para o exterior nas férias antes de entrarem na universidade contra 17,69% dos egressos não cotistas.

A Tab. 1 apresenta os dados de consumo de bens culturais através da frequência regular ao cinema, teatro e museus antes dos egressos entrarem na universidade.

**Tabela 1.** Frequência regular das atividades culturais entre egressos cotistas e não cotistas antes de entrarem na universidade federal.

Atividades culturais	Frequência regular das atividades em %				
	Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Frequentemente	Sempre
<b>Cinema</b>					
Cotistas	13,4%	29,6%	36,6%	17,4%	2,9%
Não cotistas	6,4%	20,4%	40,2%	26,9%	6,2%
<b>Teatro</b>					
Cotistas	48,8%	37,1%	11,2%	2,3%	0,6%
Não cotistas	34,3%	44,7%	16,6%	3,6%	0,8%
<b>Museus</b>					
Cotistas	37,2%	43,6%	15,1%	3,3%	0,9%
Não cotistas	26,7%	46,6%	21,1%	4,5%	1,1%

Fonte: Dados da pesquisa.

A partir desses resultados, construímos nossa variável de capital cultural para os egressos cotistas e não cotistas, que é uma medida combinada das variáveis escolaridade do pai,

escolaridade da mãe, número de viagens ao exterior nas férias e frequência regular ao cinema, ao teatro e a museus antes da entrada na universidade. Em uma escala de 0 a 100, a média de capital cultural para os egressos cotistas foi de 25,20 enquanto que a de não cotistas foi de 35,09. Os resultados indicam que há diferenças estatisticamente significativas nos níveis de capital cultural observados antes da entrada na universidade entre egressos cotistas e não cotistas ( $p = 0,000$ ). Isso significa dizer que, em média, egressos cotistas possuem pai e mãe menos escolarizados, viajaram menos vezes ao exterior nas suas férias e iam menos frequentemente ao cinema, teatro e museus do que os egressos não cotistas antes de entrarem na universidade federal. Nossos resultados confirmam os argumentos de Bourdieu<sup>[4]</sup> de que estudantes de famílias de baixa renda (egressos cotistas) possuem menores níveis de capital cultural herdado e desenvolvido na família frente aos estudantes de famílias de melhor condição socioeconômica (não cotistas) antes de entrarem no ensino superior.

#### 4. Conclusões

Contribuímos para o estoque de conhecimento ao fazermos a primeira pesquisa nacional comparando os níveis de capital cultural herdado da família entre egressos cotistas e não cotistas antes de eles entrarem na universidade federal. Atingimos nosso objetivo e confirmamos nossa hipótese, pois os resultados sugerem que, em média, egressos cotistas possuem menores níveis de capital cultural herdado da família em relação aos egressos não cotistas antes de eles entrarem na universidade federal. Nesse sentido, nossos resultados destacam a relevância da política de cotas das universidades federais para inclusão sociocultural dos estudantes cotistas. Ainda que a universidade seja um espaço para inclusão sociocultural dos estudantes cotistas, urgem políticas públicas educacionais e culturais que favoreçam, desde a pequena infância, o acesso a bens culturais a estudantes de maior vulnerabilidade socioeconômica a fim de se alcançar uma sociedade brasileira mais justa e igualitária.

Pesquisas futuras poderão adotar uma abordagem qualitativa dos dados e verificar em profundidade como era o acesso a bens culturais pelos egressos cotistas e não cotistas e qual a importância do capital econômico e do estímulo da família nesse processo antes de eles entrarem na universidade. Pesquisas futuras poderão verificar também como esse capital cultural dos estudantes cotistas se altera a partir da sua presença no ensino superior público, gratuito e de qualidade oferecido nas universidades federais.

#### Agradecimentos

Ao Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) – Campus Guarapari. Processo nº 23183.000972/2018-36.

#### Referências

- [1] SILVA, B. C. M.; XAVIER, W. S.; COSTA, T. M. T. Sistema de cotas e desempenho: uma comparação entre estudantes cotistas e não cotistas na Universidade Federal de Viçosa. **Administração Pública e Gestão Social**, v. 12, n. 3, 2020.
- [2] VIEIRA, R. S.; ARENDS-KUENNING, M. Affirmative action in brazilian universities: effects on the enrollment of targeted groups. **Economics of Education Review**, v. 73, 2019.
- [3] BIAZOTTO, M. L. S. H. et al. Comparison between students admitted through regular path and affirmative action systems in a brazilian public medical school. **Advances in Medical Education and Practice**, v. 13, p. 251–263, 2022.
- [4] BOURDIEU, P. The forms of capital. In: RICHARDSON, J. G. (Ed.). **Handbook of theory and research for the sociology of education**. Greenwood, 1986.